

Promoção de competências socioemocionais de crianças acolhidas: relato de experiência do projeto de extensão “VincuLar”

Promoting social-emotional competencies in children in residential care: experience report of the “VincuLar” extension project

Gabriella Garcia Moura

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

gabigmoura87@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0123-0372>

Isabela Bubach

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

isabelabubachpsi@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-2495-8645>

Matheus Philippe Souza Rodrigues

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

matheusphsr@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-0583-8160>

RESUMO: Apesar dos avanços nas políticas de proteção à infância, persistem desafios relacionados ao cuidado emocional de crianças vítimas de violência, negligência e outras violações de direitos. O presente trabalho apresenta um relato de experiência do projeto de extensão “VincuLar”, desenvolvido em serviços de acolhimento infantil, com foco na promoção da socialização emocional e da convivência entre crianças acolhidas. Partindo de uma perspectiva sociointeracionista, descreve-se um recorte das intervenções realizadas, que incluíram oficinas sobre emoções, baseadas em práticas circulares e recursos lúdicos, atividades de socialização com jogos cooperativos, apoio psicopedagógico e ações formativas. As ações buscaram favorecer a expressão e a regulação de emoções, priorizando as interações afetivas positivas entre os pares e o fortalecimento da convivência. O projeto proporcionou experiências significativas para a formação dos estudantes de Psicologia, oportunizando o desenvolvimento de competências voltadas ao planejamento e execução de intervenções psicossociais em políticas públicas, em contextos de vulnerabilidade e proteção. Destaca-se a construção compartilhada de conhecimentos entre comunidade e universidade e o compromisso da universidade pública com a promoção de direitos e a (trans)formação social.

Palavras-chave: Acolhimento institucional; Desenvolvimento infantil; Competências socioemocionais; Extensão universitária; Relato de experiência.

ABSTRACT: Despite advances in child protection policies, challenges persist regarding the emotional care of children who are victims of violence, neglect, and other rights violations. This paper presents an experience report of the “Vincular” extension project, developed in residential care services, focusing on promoting emotional socialization and positive peer interactions among institutionalized children. Drawing on a socio-interactionist perspective, a selection of interventions is described, including workshops on emotions, based on circle practices and playful resources, socialization activities with cooperative games, psychopedagogical support, and training actions. The interventions aimed to foster emotional expression and regulation, prioritizing positive affective interactions among peers and strengthening coexistence. The project provided significant experiences for Psychology students training, enabling the development of competencies related to planning and implementing psychosocial interventions in public policies within contexts of vulnerability and protection. Notable aspects include the shared construction of knowledge between community and university and the commitment of the public university to promoting rights and social (trans)formation.

Keywords: Residential care; Child development; Social-emotional competences; University extension; Experience report.

Introdução

Os serviços de acolhimento constituem medidas de proteção especial, de caráter excepcional e provisório, destinadas a crianças e adolescentes em situação de violência, negligência, maus-tratos, abandono ou vulnerabilidade, que precisaram ser afastados do convívio familiar de origem. Conforme disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990), a medida de acolhimento deve ser utilizada como forma de transição para reintegração familiar ou colocação em família substituta (adoção). Nas últimas décadas, importantes avanços têm sido observados nesse campo, com implementação de novas modalidades, unidades menores, redução do tempo de permanência e trabalho focado na manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares (Licio *et al.*, 2021). Porém, ainda persistem desafios relacionados a um cuidado “fino” com as questões emocionais e aos impactos dos traumas vivenciados pelas crianças e adolescentes acolhidos (Siqueira *et al.*, 2021). Diversas pesquisas e evidências científicas vêm apontando que crianças em acolhimento institucional constituem um grupo particularmente vulnerável a dificuldades emocionais, decorrentes das vivências adversas que resultaram em sua institucionalização (Rolim & Siqueira, 2023; Vazzoler, 2023).

Os impactos dessas experiências traumáticas são amplos, abrangendo desde quadros de saúde mental (como depressão, ansiedade e autolesão) (Oliveira &

Resende, 2016; Rodrigues & Prebianchi, 2021), até dificuldades de regulação emocional, conflitos interpessoais e episódios de violência entre os acolhidos (Couto & Rizzini, 2021). A literatura também evidencia dificuldades de aprendizagem, necessidade de apoio pedagógico (Leal & Alberto, 2020), além da necessidade de ampliação da capacitação das equipes que atuam nesses serviços (Rolim & Siqueira, 2023). Ao mesmo tempo, são profundos os desafios para o cuidado emocional de crianças acolhidas, relacionados à falta de recursos financeiros e infraestrutura, número reduzido de profissionais de saúde mental e estreito acesso a intervenções eficazes, constituindo entraves para o avanço do sistema de proteção (Dowlot *et al.*, 2015).

Em contrapartida, pesquisas apontam que o fortalecimento de habilidades socioemocionais e da resiliência pode favorecer efeitos protetivos, contribuindo para processos de desenvolvimento mais saudáveis em contextos de adversidade (Hermenau *et al.*, 2016; Valin & Rocha, 2021). Diante desse cenário, o projeto de extensão “Vincular: formação e promoção de desenvolvimento em serviços de acolhimento para crianças e adolescentes” foi desenvolvido a partir da articulação entre atividades de ensino (estágios curriculares) e de pesquisa (iniciação científica e mestrado), ligadas ao Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. A proposta emergiu das demandas observadas pelas turmas de Estágio em Psicologia, com inserção direta em serviços de acolhimento, e dos estudos e evidências sobre desenvolvimento socioemocional em contextos de vulnerabilidade (Moura *et al.*, 2020; Moura *et al.*, 2022).

As ações de extensão do projeto partem da compreensão de que as relações afetivas, estabelecidas em contextos cultural e socialmente organizados, constituem a base para o desenvolvimento psicológico (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2005). Práticas de cuidado sensíveis e promotoras de experiências emocionais positivas são fundamentais para a construção de vínculos, referências de pertencimento, identidade e habilidades sociais – incluindo cooperação, respeito e empatia (Mendes & Kappler, 2018). Nessa perspectiva, a socialização emocional – isto é, os processos pelos quais as crianças aprendem a reconhecer, expressar e regular emoções – constitui eixo estruturante das ações propostas pelo “Vincular”, orientando intervenções voltadas ao cuidado emocional e à promoção de experiências afetivas positivas.

Portanto, o presente trabalho configura-se como um relato de experiência, cujo objetivo é descrever um recorte das atividades realizadas com crianças

acolhidas, no âmbito do projeto de extensão “VincuLar”. Espera-se que este relato contribua para a reflexão sobre práticas extensionistas comprometidas com a promoção de direitos e o fortalecimento do desenvolvimento integral de crianças institucionalizadas, além de oferecer subsídios para pensar a formação em Psicologia em articulação com as políticas socioassistenciais.

Metodologia

O relato de experiência se organiza a partir do encadeamento de memórias, elaborações, saberes e reflexões constituídos no fluxo de processos vivenciais. De natureza descritiva e qualitativa, apresenta-se como uma modalidade de organização de conhecimentos na qual a experiência, em sua complexidade e dinamismo, é legitimada enquanto fenômeno e produção científica aberta à análise (Daltro & Faria, 2019).

Contexto e participantes do projeto “VincuLar”

Desde 2019, comprometido com a integração entre conhecimento científico-acadêmico e a sociedade, o projeto “VincuLar” vem se consolidando junto a serviços de acolhimento para crianças e adolescentes na região da Grande Vitória-ES. As atividades foram desenvolvidas em seis unidades de acolhimento nos municípios de Vitória, Serra e Cariacica-ES, contemplando acolhidos de zero a 18 anos. Essa diversidade de contextos e faixas etárias revela a abrangência social e as parcerias institucionais estabelecidas no âmbito do projeto. Valorizando o afeto nas relações humanas, o objetivo geral do projeto de extensão “VincuLar” é desenvolver ações, formações e intervenções voltadas ao apoio e à promoção de habilidades socioemocionais dos acolhidos, com atividades que visam contribuir principalmente para a socialização, recreação e bem-estar emocional. As intervenções são desenhadas para favorecer interações estimulantes, escuta mútua, reciprocidade e compartilhamento de vivências socioemocionais.

Tendo o brincar, os jogos e as atividades lúdicas e de expressão artística como principais instrumentos de intervenções, as atividades desenvolvidas no projeto são amplas e podem ser organizadas nos seguintes eixos: (1) desenvolvimento sensorio-motor, comunicativo e socioafetivo na faixa etária de zero a dois anos; (2) compreensão emocional e competências socioemocionais; (3) atividades

lúdicas e de socialização; (4) apoio psicopedagógico; (5) lazer, cultura e convivência comunitária; e (6) formação e capacitação.

Os estudantes extensionistas – em duplas ou individualmente – realizam visitas semanais às unidades de acolhimento, desenvolvendo atividades lúdicas, oficinas temáticas e intervenções voltadas ao autoconhecimento, à compreensão e regulação emocional, à empatia, cooperação e outras competências socioemocionais e cognitivas – como memória, atenção e concentração. Além disso, buscando contribuir com a capacitação dos profissionais, eventualmente o projeto promove ações formativas sobre desenvolvimento infantil e os desafios que permeiam o cuidado. Para os extensionistas, são realizadas reuniões e supervisões semanais do projeto, que se configuram como espaços formativos fundamentais para a elaboração das intervenções e o direcionamento das ações. Em 2024 e em 2025, alinhadas a essas supervisões, foram organizadas visitas técnicas à clínica de atendimento psicológico infantil para discussão de protocolos de atendimento para crianças e adolescentes.

No período de 2024 a 2025, o projeto contou com a participação de 15 estudantes extensionistas da graduação em Psicologia e três estudantes monitores do Pós-Graduação em Psicologia. No total, foram realizadas mais de 150 visitas de campo, envolvendo em média cinco crianças ou adolescentes por encontro (em várias situações alcançando até dez crianças por encontro). Portanto, estima-se um número mínimo de 750 interações diretas com crianças e adolescentes acolhidos nesse período. Cada estudante (ou dupla) mantém o vínculo com um mesmo serviço de acolhimento, realizando visitas semanais para desenvolvimento de atividades, o que favorece a continuidade das ações e a construção de vínculos com os acolhidos e com as equipes institucionais.

No presente trabalho, optou-se por apresentar apenas um recorte das ações desenvolvidas, relacionadas a quatro eixos: compreensão emocional e competências socioemocionais; atividades lúdicas e de socialização; apoio psicopedagógico; e formação e capacitação. As atividades apresentadas baseiam-se em ações conduzidas em uma das instituições parceiras, que acolhe crianças de seis a 12 anos (meninos e meninas). Para o desenvolvimento das intervenções, os materiais utilizados incluíram jogos educativos, livros de literatura infantil, materiais artísticos (tintas, papéis, massinha de modelar) e recursos audiovisuais. Para organizar o relato, foram utilizados os registros sistemáticos das intervenções realizadas ao longo do ano de 2024, incluindo diários de campo e relatórios descritivos produzidos pelos extensionistas após cada visita, além dos

planejamentos semanais das atividades registrados nas atas das supervisões. Esses materiais foram lidos de forma integral, selecionados os trechos mais representativos das ações desenvolvidas e organizados conforme os eixos de ações mais relacionados aos objetivos do projeto. Buscou-se identificar os objetivos das intervenções, os recursos utilizados, as formas de condução das atividades e as situações recorrentes observadas, visando sistematizar, de modo reflexivo, um recorte das experiências desenvolvidas. Desse modo, as informações aqui apresentadas priorizam a descrição das intervenções, seus aspectos formativos e a fundamentação teórico-científica.

Por se tratar de um relato de experiência extensionista, de caráter descritivo-reflexivo, com foco na descrição das atividades desenvolvidas, baseado em registros sistemáticos das ações de extensão e dados apresentados de forma agregada (sem possibilidade de identificação individual), dispensa a apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Art. 1º, inciso VIII, da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Apesar dessa natureza descritivo-formativa, não constituindo atividade de pesquisa, ainda assim é válido ressaltar que o desenvolvimento das atividades foi autorizado pelos dirigentes dos serviços de acolhimento e contou com o acompanhamento das equipes técnicas locais. Durante cada atividade foram observados rigorosamente os princípios éticos do Código de Ética do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005), respeitando os princípios de confidencialidade, sigilo e proteção integral – preconizados também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). As crianças foram convidadas a participar voluntariamente das atividades, sendo-lhes garantida a liberdade de recusar a participação. Os registros fotográficos focalizavam somente os recursos psicopedagógicos, os materiais produzidos durante as oficinas e a atuação dos extensionistas, preservando a imagem e a identidade dos acolhidos.

Resultados e discussão

Oficinas e intervenções sobre habilidades e competências socioemocionais

Em diálogo com os estudantes, a equipe técnica e os cuidadores relataram que as crianças acolhidas, em geral, enfrentam diferentes formas de sofrimento psíquico: dificuldades emocionais, como ansiedade, tristeza e baixa autoestima;

alterações de comportamento, como dificuldades para dormir ou se alimentar, agitação psicomotora e agressividade; e dificuldades de socialização. Ademais, foi relatado que as crianças buscam, com frequência, o suporte da equipe para lidar com essas demandas socioemocionais. No entanto, a sobrecarga de tarefas a que os profissionais estão submetidos é uma das barreiras que dificultam estratégias de suporte individualizado.

Buscando contribuir nessa direção, no contexto do projeto “Vincular”, a atuação dos extensionistas voltou-se para o planejamento de intervenções socioemocionais. Nesse sentido, foram desenvolvidas as “Oficinas das Emoções”, uma intervenção psicoeducativa que buscou favorecer a compreensão e regulação emocional, de forma a: fornecer explicações, de forma lúdica, sobre as emoções e suas influências na vida dos indivíduos; auxiliar no reconhecimento e nomeação das emoções; fortalecer a socialização emocional (compreensão das próprias emoções e das dos outros); desenvolver habilidades socioemocionais (expressão de empatia, gratidão, perdão, respeito, etc.); construir um ambiente acolhedor, colaborativo e inclusivo; e promover interações positivas com pares.

No presente trabalho, será apresentado apenas um recorte dessas intervenções. As oficinas aqui descritas foram conduzidas no período de outubro a dezembro de 2024, em unidade de acolhimento para crianças de seis a 12 anos, e os participantes foram separados em dois grupos, de meninos e meninas. Os encontros ocorriam com frequência semanal, com duração de uma hora e meia, conduzidos pela dupla de extensionistas, sob supervisão da psicóloga da instituição. Devido ao caráter provisório do acolhimento institucional, o número de participantes era variável, com no mínimo três crianças por encontro. Vale ressaltar, também, que a adesão às oficinas era voluntária.

Em síntese, as “Oficinas das Emoções” foram fundamentadas no modelo de práticas circulares de Boyez-Watson e Pranis (2011), e se constituíram nas seguintes etapas:

1. Abertura: os extensionistas organizavam as crianças em círculo. Para fortalecer o engajamento do grupo e dissipar distrações, brincadeiras – como morto-vivo, batata quente, telefone sem fio etc. – eram utilizadas como aquecimento dinâmico e divertido;
2. Escolha do “objeto da palavra”: os grupos foram introduzidos ao conceito de objeto da palavra, que é passado de pessoa para pessoa e controla o fluxo do diálogo. Quando um participante segura o objeto, pode expressar suas ideias e emoções sem interrupções, enquanto o grupo escuta atentamente. Como o objeto da palavra precisa ser importante e significativo para quem participa (Boyez-Watson & Pranis, 2011), as crianças ficaram à frente do processo de escolha. Todas puderam explorar a brinquedoteca e escolher um objeto que chamava sua atenção, depois cada grupo discutia e elegia o objeto ganhador;
3. Roda de apresentação: no primeiro encontro, com o objeto da palavra em mãos, cada membro do grupo se apresentou contando seu nome, idade e uma atividade que traz felicidade, como brincar, ir à praia, ouvir música, entre outras (ver Figura 1);
4. Combinados do grupo: como mencionado, as oficinas ocorriam em grupos de meninas e meninos. No primeiro encontro, as crianças escolheram um nome para o grupo e cada criança sugeriu uma diretriz ou regra de convivência durante as oficinas. Os extensionistas confeccionaram *flyers* com os combinados, que ficavam visíveis durante os encontros como lembrete contínuo (ver Figura 1).
5. Contextualização do tema da oficina: os extensionistas introduziram o tema das emoções. Para engajar as crianças e facilitar a compreensão, os materiais foram confeccionados com base na animação *Divertidamente*, que retrata as emoções por meio dos personagens Alegria, Tristeza, Medo, Raiva, Nojinho e Ansiedade (ver Figura 1). Foram impressas imagens para colorir dos personagens escolhidos, que ficavam expostas no centro do círculo.
6. Pergunta norteadora: para iniciar a discussão, os extensionistas indagavam “Qual personagem representa suas emoções hoje? Por quê?”. Com o objeto da palavra em mãos, cada criança tinha a oportunidade de escolher um

personagem e se expressar livremente, enquanto era ouvida e acolhida pelo restante do grupo.

7. Discussão e atividades complementares: os extensionistas mediavam as discussões a partir dos temas que emergiam nas respostas. Por exemplo, quando as meninas relataram emoções negativas, como tristeza e raiva, por conflitos entre pares, abordou-se o conceito de respeito e sua importância na construção de relações mais saudáveis. Cada criança, a partir da sua perspectiva, foi convidada a descrever atitudes que promovem o respeito e o desrespeito (ver Figura 1). Depois, os facilitadores perguntaram: “Quais atitudes posso tomar para tornar a convivência na casa mais agradável e solucionar os conflitos?”. As contribuições foram registradas em um cartaz para retomada no próximo encontro.

8. Fechamento: agradecimentos e encerramento da Oficina.

Figura 1 – Registros das Oficinas das Emoções.



Fonte: Acervo de fotos do projeto “VíncuLar”.

Para além do grupo, foram ofertadas intervenções em nível individual, para fornecer apoio emocional e acolhimento às crianças institucionalizadas. Nesse sentido, eram feitos atendimentos para auxiliar no manejo de: (1) situações de angústia, medo, preocupação e sofrimento provocadas por conflitos interpessoais ou pela separação familiar, especialmente em momentos críticos como visitas familiares ou episódios de saudade da família; (2) suporte imediato em situações de crise emocional, agressividade ou autolesão, promovendo um espaço seguro para a criança recuperar o equilíbrio, favorecendo a expressão dos sentimentos e a construção de estratégias de autorregulação.

Todas essas atividades fundamentaram-se na compreensão de que o desenvolvimento socioemocional se constitui em um processo complexo e

multidimensional, pelo qual crianças e adolescentes adquirem as competências necessárias para reconhecer, regular e compreender as próprias emoções, bem como as de outras pessoas (Denham *et al.*, 2008). Também engloba um conjunto de habilidades essenciais para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais significativos e afetivos, a exemplo da capacidade de iniciar e manter interações com pares e adultos, demonstrar empatia e solucionar conflitos (Braz *et al.*, 2015). Nesse sentido, percebe-se a indissociação das esferas sociais e emocionais.

Segundo Rubin e Mills (1991), as experiências de cuidado vivenciadas pelas crianças influenciam diretamente o desenvolvimento socioemocional. Quanto mais sensíveis e responsivos forem os cuidadores, maior é a probabilidade de que a criança tenha confiança e segurança para iniciar novas interações sociais. Com a expansão dos relacionamentos interpessoais, a criança tem mais oportunidades para expressar suas emoções e perceber a reação do meio, além de vivenciar conflitos e aprender a olhar o mundo pelo ponto de vista do outro (Denham *et al.*, 2008; Rubin & Mills, 1991).

Entretanto, essas condições de cuidados sensíveis nem sempre estão presentes na trajetória de crianças em acolhimento, que são, muitas vezes, retiradas de suas famílias devido a um histórico de negligência e violência, com presença de múltiplos fatores de risco ao desenvolvimento (Cruz *et al.*, 2018). A separação ou ruptura com os vínculos afetivos e a exposição a sucessivas situações de vulnerabilidade podem impactar no desenvolvimento socioemocional de diversas formas, associando-se a: excesso de sentimentos negativos, como tristeza e culpa; carência; agressividade; e dificuldade em confiar nos pares e nos adultos (Couto & Rizzini, 2021; Rodrigues & Prebianchi, 2021).

Assim, buscando contribuir para a promoção de habilidades socioemocionais que podem ter sido fragilizadas pela trajetória de vulnerabilidade, as atividades do projeto “Vincular” – com o grupo de crianças – buscaram favorecer espaços de escuta, acolhimento e socialização emocional, com oportunidade de reconhecer, compartilhar e ressignificar suas vivências emocionais. A meta era contribuir para fortalecer, entre os pares, a confiança e interações afetivas mais empáticas, sensíveis e responsivas. O modo como as oficinas foram estruturadas (organização em círculo, uso do objeto da palavra e a pergunta norteadora) buscou criar condições concretas para a alternância de fala, escuta e nomeação de estados emocionais. Essa configuração buscava favorecer que as emoções fossem simbolizadas por meio de personagens e comentadas coletivamente, permitindo

o compartilhamento das experiências emocionais e a negociação dos sentidos produzidos em grupo, bem como a reflexão conjunta dos conflitos vividos na casa.

Ao longo das atividades, foram percebidos indícios positivos na qualidade da participação das crianças, que se mantiveram engajadas e interessadas, assumindo papel ativo nos diálogos, no compartilhamento de percepções e vivências e na construção coletiva das dinâmicas, cartazes e tarefas. Esse protagonismo das crianças sugere que as intervenções favoreceram experiências de expressão, empatia, cooperação e pró-sociabilidade. Contudo, isso variou conforme as condições do contexto: grupos maiores dificultaram o manejo do grupo e dos conflitos entre pares, reduziram as oportunidades de fala e escuta e exigiram a atuação de mais mediadores (como o apoio dos cuidadores). Por se tratar de um relato de experiência extensionista, de caráter descritivo-reflexivo, e não de um estudo de avaliação de efetividade, as análises aqui apresentadas não permitem afirmar mudanças mensuradas nas interações sociais ou nos processos de regulação emocional, uma vez que não foram empregados instrumentos padronizados de avaliação, nem medidas pré e pós-intervenção. Ainda assim, o material empírico disponível permite discutir, à luz da literatura, as potencialidades, os limites e as contribuições observadas, tanto no contexto institucional em que a intervenção foi realizada, quanto para as experiências formativas.

Atividades lúdicas, recreativas e de socialização

Tendo em vista a importância do brincar no desenvolvimento de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento, as atividades realizadas pelos extensionistas incluíram propostas lúdicas para favorecer e fortalecer a socialização infantil. A condução das atividades incluiu brincadeiras livres, brincadeiras colaborativas, jogos – como quebra-cabeças e jogos da memória –, desenhos, leitura de livros e atividades de manualidades. Nos momentos iniciais de inserção no campo, essas práticas atuaram não apenas como estratégias de desenvolvimento, mas também como oportunidades de aproximação e construção de vínculo entre extensionistas e acolhidos. Além disso, as atividades realizadas também favoreceram a interação entre as crianças e os adolescentes, destacando-se a importância das atitudes colaborativas e da compreensão dos limites e combinados.

Os extensionistas conduziram e supervisionaram diferentes momentos de brincadeiras e jogos com os acolhidos, nos quais as crianças se engajaram em diferentes atividades, como brincar de faz-de-conta, jogar bola ou brincar com os brinquedos disponíveis na brinquedoteca da instituição. Nas atividades de

manualidades, as propostas incluíram colorir desenhos e confeccionar máscaras individuais, utilizando materiais de uso coletivo. Essas atividades práticas funcionaram como oportunidades para o manejo do estresse e da ansiedade, e, ao mesmo tempo, estimularam a criatividade, a autonomia e a concentração dos acolhidos. Esses momentos também se configuraram como espaços para a resolução de conflitos entre pares e para o fortalecimento de vínculos, por exemplo, em alguns momentos, o uso coletivo desses materiais gerou conflitos entre os acolhidos, devido à necessidade de compartilhar os recursos disponíveis. Essas situações, mediadas pelos extensionistas, tornaram-se oportunidades para conversar sobre possibilidades de negociação e empatia.

Figura 2 – Registros das atividades lúdicas.



Fonte: Acervo de fotos do projeto "VíncuLar".

Mais uma vez, o engajamento e o entusiasmo das crianças foram indicadores positivos das intervenções lúdicas. Contudo, dinâmicas com maior número de participantes e com diferenças de idade exigiram mediação redobrada e apoio dos cuidadores para organizar o grupo, o espaço e as condições de segurança, além de manejar conflitos e frustrações (por exemplo, perder no jogo ou ter dificuldade na execução de uma tarefa). Por sua vez, propostas que demandavam espera e maior concentração evidenciaram dificuldades de manutenção da atenção e do foco, bem como resistência ao cumprimento de regras, como aguardar a vez e compartilhar materiais. Assim, observou-se que as atividades de manualidades, envolvendo uso compartilhado de materiais, mobilizaram impasses concretos da convivência entre os acolhidos, pois exigiam, por exemplo, esperar, dividir, pedir e emprestar. Esses episódios, mediados pelos extensionistas, transformavam-se em oportunidades de aprendizagem relacional, permitindo exercitar a negociação, a tolerância à frustração, bem como reviver conflitos cotidianos em experiências mediadas, circunscritas pela socialização emocional.

Magalhães e Oliveira (2018) destacam que o comportamento lúdico constitui um traço universal da espécie humana, sendo o brincar uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, especialmente no que se refere aos aspectos neuropsicológicos. O brincar configura-se como um espaço que permite o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e do pensamento simbólico, de forma a proporcionar a construção de compreensões sobre si e sobre o mundo ao seu redor (Queiroz *et al.*, 2006). Por meio do brincar, a criança não apenas interage com o contexto em que está inserida, mas também exercita sua autonomia, criatividade, responsabilidade e reflexão quanto aos seus comportamentos, e vivencia oportunidades de interação com outros pares, de modo a favorecer o seu processo de socialização (Queiroz *et al.*, 2006).

Truccolo e Rosa (2024) apontam o brincar como ferramenta fundamental para a compreensão da criança acerca da realidade em que está inserida, destacando-se a essencialidade do brincar espontâneo para que a criança desenvolva aspectos relacionados à convivência, interação e socialização com seus pares. Além de estimular o pensamento, a imaginação, descobertas e novas experiências, as brincadeiras também atuam no desenvolvimento da socialização infantil e no controle das próprias emoções. Nesse contexto, a criança desenvolve habilidades essenciais, como negociar regras com os pares, esperar sua vez e exercer o autocontrole (Truccolo & Rosa, 2024). Dessa forma, fica evidente que o brincar assume o lugar de importante estratégia no fortalecimento da socialização emocional das crianças.

Nesse viés, considerando que as atividades lúdicas favorecem dimensões do desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, é fundamental que as instituições de acolhimento favoreçam a promoção de interações sociais e a estimulação de diferentes atividades, de forma a reconhecer o brincar como parte fundamental para o desenvolvimento infantil (Magalhães & Oliveira, 2018). Além disso, como mostra a pesquisa de Moura *et al.* (2020) em serviços de acolhimento, as interações entre pares revelam-se como experiências profundamente enriquecedoras no processo de socialização. As trocas entre pares, nesses contextos, constituem-se como fontes significativas de afeto, estímulo e aprendizagem, criando oportunidades de aproximação, observações mútuas e interações que favorecem a construção de vínculos. A sociabilidade entre os acolhidos torna-se essencial para a percepção sobre a repercussão de suas ações. Por isso, é fundamental que os espaços de convivência sejam organizados intencionalmente, promovendo momentos que estimulem o contato lúdico e mediado entre os acolhidos. Elementos como a oferta de brinquedos selecionados, a presença de adultos que favoreçam

as aproximações e o ambiente adequado atuam como suportes importantes para o engajamento conjunto, funcionando como mediadores de interesses e experiências emocionais compartilhadas (Moura *et al.*, 2020).

Portanto, as atividades lúdicas, recreativas e de socialização desenvolvidas no projeto “VincuLar” visaram tanto ao estímulo ao desenvolvimento físico, cognitivo e emocional das crianças acolhidas, quanto ao fortalecimento de estratégias voltadas para a construção de relações afetivas e interações entre acolhidos. Compreendendo o brincar como direito, o projeto reafirma seu compromisso com a promoção do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento.

Apoio psicopedagógico

No projeto “VincuLar”, a demanda por atividades de apoio psicopedagógico foi expressa pelas equipes técnicas dos serviços de acolhimento. Segundo os profissionais, muitas crianças acolhidas enfrentam dificuldades de aprendizagem e não acompanham o currículo escolar da sua série. Em diálogo com os extensionistas, uma equipe de cuidadores relatou não se sentir capacitada para auxiliar as crianças nas dificuldades de aprendizagem. Além disso, com a sobrecarga do cotidiano institucional, priorizam assegurar os cuidados básicos – alimentação, higiene, consultas médicas –, reduzindo o tempo para atividades de apoio à aprendizagem. Assim, observou-se que os desafios do cotidiano institucional – equipes reduzidas, baixa proporção de cuidadores por criança, falta de formação e, em alguns casos, dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos próprios educadores – comprometem os cuidados voltados para o acompanhamento e o reforço escolar.

Diante desses desafios, a atuação dos extensionistas foi direcionada ao acompanhamento das tarefas escolares e à oferta de intervenções psicopedagógicas voltadas ao estímulo das funções cognitivas fundamentais, como atenção, concentração e memória (ver Figura 3). Apesar das dificuldades relatadas, os cuidadores incluíram na rotina dos acolhidos um momento específico para tarefas e trabalhos escolares, com participação dos extensionistas. As crianças eram reunidas em um espaço de convivência para realizar as atividades sob supervisão dos adultos presentes, que ofereciam apoio pedagógico e emocional. Os extensionistas buscavam, ainda, olhar para cada criança individualmente, observando suas potencialidades e dificuldades na aquisição de novos conhecimentos, a fim de propor intervenções mais adequadas às suas necessidades.

Figura 3 – Registro das atividades de apoio psicopedagógico.



Fonte: Acervo de fotos do projeto "Vínculo Lar".

Para além da função psicopedagógica, o momento de apoio escolar foi incorporado por muitas crianças acolhidas como parte valiosa da rotina, pelas interações sociais positivas e significativas entre crianças, seus pares e os adultos. Foi observado que, mesmo quando não havia deveres escolares, os acolhidos queriam participar do momento de reforço, sugerindo que a atenção mais individualizada que recebiam nesse momento e a previsibilidade dessa atividade na rotina assumiram uma função de convivência e pertencimento que extrapolou o apoio pedagógico. Nessa direção, as relações interpessoais mostraram-se um fator muito relevante para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, como discutem Cruz *et al.* (2018).

Crianças e adolescentes em acolhimento frequentemente vivenciam situações adversas que impactam a (des)continuidade educacional e no desenvolvimento de habilidades como leitura, escrita e cálculo (Dell'Aglio & Siqueira, 2010). A privação de estímulos adequados, somada à exposição a situações de estresse, acentua déficits nas funções executivas, como atenção, memória e autorregulação, essenciais para a aprendizagem (Shonkoff *et al.*, 2012). Um estudo conduzido por Leal e Alberto (2020) analisou a defasagem escolar e a distorção série-idade em jovens acolhidos, discutindo as dificuldades de inclusão em políticas formativas e profissionalizantes, ressaltando a importância do apoio pedagógico.

Nesse contexto, atividades de apoio pedagógico, como tutorias escolares, oficinas de leitura-escrita e jogos (quebra-cabeças, memória etc.), são estratégias relevantes na superação dessas barreiras. Experiências com crianças acolhidas em Portugal demonstram que o acompanhamento pedagógico constante e personalizado pode melhorar significativamente o desempenho escolar. Os dados mostram que, quando os jovens se sentem suficientemente apoiados nos estudos pelos cuidadores, ocorre uma evolução positiva em suas notas (Brandão, 2015). Assim, práticas estruturadas de apoio educacional atuam como fatores de proteção, oferecendo rotinas previsíveis e ambientes acolhedores e seguros que contribuem

para mitigar os efeitos da instabilidade emocional, ao mesmo tempo que estimulam a construção de repertórios de aprendizagem (Dell’Aglia & Siqueira, 2010).

Ações formativas

Para além das atividades realizadas nas instituições de acolhimento, o projeto “Vincular” também envolveu diversas ações formativas. Por exemplo, em 2024, a coordenadora ministrou uma palestra intitulada “Promoção da Saúde Mental de Crianças e Adolescentes” para cuidadores e educadores sociais de um projeto social que atende, semanalmente, cerca de 350 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social no município de Serra-ES, com idades entre seis e 17 anos, que participam do programa “Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos” e do “Programa Jovem Aprendiz”.

Paralelamente, foram realizados dois eventos formativos com a participação de professoras convidadas: Profa. Maria Thereza Costa Coelho de Souza (USP) e a Profa. Gabriela S. de Melo Mietto (UnB). Esses eventos contaram com a participação de estudantes da graduação, pós-graduação, profissionais atuantes no sistema de garantia de direitos e docentes de grupos e laboratórios de pesquisa vinculados à linha “Psicologia do Desenvolvimento Humano e da Saúde da Criança e do Adolescente” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. Essas atividades buscaram promover reflexões críticas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem e sobre a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes, e o intercâmbio de práticas e saberes. Ambos os encontros buscaram contribuir para fortalecer a formação acadêmica e profissional dos participantes, além de reafirmar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Considerações finais

A partir do exposto, compreende-se que as ações desenvolvidas até o momento buscam contribuir para a promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes em medidas protetivas de acolhimento, favorecendo intervenções, reflexões e compartilhamento de experiências sobre as práticas de cuidado e fortalecimento de vínculos/relações afetivas nesses contextos. Ao oportunizar o contato dos estudantes extensionistas com os serviços de acolhimento, as ações buscaram beneficiar as instituições, por meio de apoio, escuta e promoção, contribuindo para a qualidade do atendimento oferecido. Um exemplo disso foram as oficinas

psicoeducativas e de habilidades socioemocionais, que se destacaram como propostas inovadoras para os serviços.

Entre as principais contribuições observadas, destaca-se a construção de espaços abertos ao compartilhamento de sentimentos e emoções, possibilitando momentos de escuta mútua e reflexão coletiva sobre questões institucionais. Observaram-se também momentos de interação social mais positiva, uma vez que as crianças eram incentivadas a refletir sobre suas formas de interação, e a buscar a resolução dos conflitos. Com as atividades de apoio pedagógico, observou-se aumento no engajamento e na valorização da rotina escolar. Dessa forma, o projeto desempenhou importante papel no fortalecimento de vínculos e da valorização das relações positivas. A ação extensionista também foi orientada para o incentivo ao autoconhecimento e à regulação emocional, ampliando o suporte às demandas socioemocionais dos acolhidos e reconhecendo que o desenvolvimento afetivo se dá, sobretudo, em contextos de relações significativas e ambientes que propiciam segurança e pertencimento (Cruz; Pedroso; Costa, 2018; Moura; Amorim; Rossetti-Ferreira, 2022).

Algumas limitações também foram observadas, especialmente relacionadas à imprevisibilidade da rotina institucional, que em algumas situações comprometeu a regularidade dos encontros – elemento central para a construção de vínculos de confiança e, conseqüentemente, para a disposição das crianças em compartilhar emoções e sustentar a participação. Além disso, a restrição de recursos financeiros e materiais limitou o planejamento de atividades e demandou aporte da própria equipe, indicando que a efetividade das oficinas depende não apenas da proposta metodológica, mas também de suporte institucional e de condições mínimas de continuidade e estrutura. No que se refere aos cuidados nas interações diretas com as crianças, foram essenciais a explicitação e a retomada de regras, o monitoramento de sinais de cansaço, os ajustes para inclusão, a higiene e organização dos materiais e o alinhamento prévio com a equipe técnica, a fim de sustentar o engajamento e reduzir riscos e conflitos durante as atividades. Por fim, do ponto de vista metodológico, a ausência de instrumentos e procedimentos de avaliação de eficácia não permitiu a mensuração de efeitos nem a análise e o acompanhamento de mudanças nas interações sociais ou nos processos de regulação emocional das crianças participantes das experiências extensionistas.

Apesar de todos estes desafios, a presença constante dos extensionistas nas unidades de acolhimento contribuiu para fortalecer os vínculos com as equipes locais e, conseqüentemente, para a construção conjunta de conhecimento entre comunidade e universidade e para o compartilhamento de saberes profissionais,

técnicos e acadêmicos. Isso favorece atuação integrada em prol do bem-estar dos acolhidos e reafirma o compromisso da universidade pública com ações que beneficiam a sociedade, visando a transformação da realidade e a promoção de justiça social (Huning; Oliveira, 2022).

O projeto também tem proporcionado experiências significativas para a formação dos estudantes envolvidos, oportunizando o desenvolvimento de competências práticas e teóricas voltadas ao planejamento, à execução e à avaliação de intervenções psicossociais; e contribuído com a formação dos futuros psicólogos para atuação em políticas públicas, conectando teoria e prática em contextos de alta complexidade, vulnerabilidade e proteção. Destaca-se como uma das principais contribuições a atuação em equipe multiprofissional (com assistentes sociais e outros operadores dos direitos das crianças e adolescentes), permitindo a ampliação de conhecimentos e competências no âmbito da atuação em políticas públicas, contemplando não somente a compreensão das diretrizes da assistência social, mas também a articulação com as áreas da saúde e da educação. Essa atuação integrada tem contribuído para a vivência prática da interdisciplinaridade e do trabalho em rede.

Nesse viés, as atividades realizadas também envolveram conhecimentos de diferentes áreas da psicologia e oportunizaram o diálogo constante dos estudantes com outros profissionais. Assim, o projeto tem se colocado como um espaço formativo no âmbito das políticas públicas e da atuação interdisciplinar em instituições de acolhimento, integrando ações de ensino, pesquisa e extensão com a comunidade e com os alunos de graduação e pós-graduação do curso de psicologia da UFES. O compromisso do projeto com a produção e a difusão de conhecimentos continua em expansão, sendo fortalecido pela continuidade das ações e pela produção de relatórios técnicos e relatos de experiência, como o presente texto.

Portanto, o projeto “Vincular” tem buscado colaborar com um dos maiores desafios das políticas públicas de proteção à infância e adolescência, que é o cuidado sensível às experiências emocionais e aos traumas decorrentes das violações de direitos, visando contribuir para a construção de instituições eficazes, com ambiente respeitoso e humanizado. Nesse sentido, considera-se que o projeto está alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), orientado à promoção da saúde e bem-estar (ODS 3), à justiça social dos acolhidos (ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes) e educação de qualidade (ODS 4). Trata-se de um projeto desenvolvido dentro dos equipamentos do sistema de garantia de direitos, voltados à proteção de crianças em situação de vulnerabilidade social, e suas intervenções

visam promover bem-estar, segurança emocional e interações estimulantes, pautadas na reciprocidade, responsividade, habilidades comunicativas e socioemocionais.

Diante de todo o exposto, estima-se que o projeto “Vincular” representa tanto contribuições para a formação acadêmica e profissional dos participantes, quanto uma experiência voltada para o enfrentamento de questões socioemocionais e afetivas em instituições de acolhimento. A participação no projeto de extensão tem possibilitado a ampliação da atuação em políticas públicas nas áreas de psicologia, assistência social, saúde e educação, além de favorecer o contato dos estudantes com a temática do atendimento infantil. Além disso, para sua continuidade, espera-se que o projeto caminhe na direção de contribuir para a formulação, implementação e acompanhamento de políticas públicas prioritárias para a garantia de direitos de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

BOYES-WATSON, C.; PRANIS, K. *No coração da esperança – guia de práticas circulares: o uso da construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover cura e construir relacionamentos saudáveis*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

BRANDÃO, R. I. G. A. *Sucesso escolar de crianças e jovens institucionalizadas: intervenção do assistente social*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/10606>. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRAZ, A. C.; FONTAINE, A. M. V. G.; DEL PRETTE, Z. A. P. Pais idosos e filhos adultos: um estudo sobre as habilidades sociais, solidariedade intergeracional e qualidade de vida. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (org.). *Habilidades sociais: diálogos e intercâmbios sobre pesquisa e prática*. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

COUTO, R. M. B. do; RIZZINI, I. Acolhimento institucional para crianças e adolescentes em situação de rua: pesquisa e políticas públicas. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, e39173, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/39173>. Acesso em: 24 ago. 2026.

CRUZ, E. J. S. da; PEDROSO, J. da S.; COSTA, A. C. R. da. Interações de crianças e adolescentes com adultos e grupo de pares: relações promotoras do desenvolvimento. In: CAVALCANTE, L. I. C. et al. (org.). *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: teorias e evidências científicas para boas práticas*. Curitiba: Juruá, 2018. p. 147-160.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DELL'AGLIO, D. D.; SIQUEIRA, A. C. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar,

satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 407-415, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300003>. Acesso em: 24 ago. 2026.

DENHAM, S. A.; BASSETT, H. H.; WYATT, T. The socialization of emotional competence. In: GRUSEC, J. E.; HASTINGS, P. D. (ed.). *Handbook of socialization: theory and research*. New York: Guilford Press, 2007.

RAMDHONEE-DOWLOT, K. R.; BALLOO, K.; ESSAU, C. A. Effectiveness of the Super Skills for Life programme in enhancing the emotional wellbeing of children and adolescents in residential care institutions in a low- and middle-income country: a randomised waitlist-controlled trial. *Journal of Affective Disorders*, Amsterdam, v. 278, p. 327-338, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.09.053>. Acesso em: 24 ago. 2026.

GULASSA, M. L. C. R. *Novos rumos do acolhimento institucional*. São Paulo: NECA – Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010.

HERMENAU, K. *et al.* Fostering child development by improving care quality: a systematic review of the effectiveness of structural interventions and caregiver trainings in institutional care. *Trauma, Violence, & Abuse*, Thousand Oaks, v. 18, n. 5, p. 544-561, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1524838016641918>. Acesso em: 24 ago. 2026.

HUNING, S. M.; OLIVEIRA, É. C. S. Contribuições para uma formação em Psicologia integrada à Política Nacional de Assistência Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 42, n. spe. 3, e234060, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003234060>. Acesso em: 24 ago. 2026.

LEAL, N. S. B.; ALBERTO, M. F. P. Jovens em acolhimento institucional: desafios entre a distorção série-idade e a formação profissional. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 25, n. 3, p. 303-313, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v25n3/a08v25n3.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2026.

LICIO, E. C. *et al.* *Filhos “cuidados” pelo Estado: o que nos informa o relatório do IPEA sobre o reordenamento dos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes*. Brasília: Ipea, 2021. (Nota Técnica, nº 91, Disoc). Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/2740ac-db-fla1-4f1d-a219-8bb2a5eebc7d>. Acesso em: 24 ago. 2026.

MOURA, G. G.; SOUZA, G. M. de.; AMORIM, K. S. Interações de pares de bebês em programa de acolhimento institucional. *Journal of Human Growth and Development*, Marília, v. 30, n. 1, p. 9-23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/jhgd.v30.9975>. Acesso em: 24 ago. 2026.

MOURA, G. G.; AMORIM, K. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. “Quem não pega, não se apega”? Interações e vínculos com bebês acolhidos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 38, n. 2, e38322, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38322.pt>. Acesso em: 24 ago. 2026.

MAGALHÃES, C. M. C.; OLIVEIRA, L. S. M. Brinquedoteca em instituição de acolhimento: uma estratégia de promoção do desenvolvimento. In: CAVALCANTE, L. I. C. *et al.* (org.). *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: teorias e evidências científicas para boas práticas*. Curitiba: Juruá, 2018. p. 37-46.

MENDES, D. M. L. F.; KAPPLER, S. R. Acolhimento institucional de crianças: qualidade do ambiente e desenvolvimento. In: CAVALCANTE, L. I. C. *et al.* (org.). *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: teorias e evidências científicas para boas práticas*. Curitiba: Juruá, 2018. p. 19-36.

OLIVEIRA, L. M. M.; RESENDE, A. C. Estudo de sintomas depressivos em crianças sob situação de acolhimento institucional. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 55-63, 2016. Dis-

ponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v10n1/08.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2026.

QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yWnWXkHewfjengKVp6rLnwQ/>. Acesso em: 24 ago. 2026.

RODRIGUES, L. H. F.; PREBIANCHI, H. B. Estresse e estratégias de enfrentamento em crianças e adolescentes em acolhimento institucional em casas lares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 41, n. esp. 3, e192765, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003192765>. Acesso em: 24 ago. 2026.

ROLIM, D. S.; SIQUEIRA, A. C. Adolescer no acolhimento institucional: percepção dos educadores sociais. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, v. 27, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/75427>. Acesso em: 24 ago. 2026.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. *Redes de significação e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RUBIN, K. H.; MILLS, R. S. Conceptualizing developmental pathways to internalizing disorders in childhood. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue canadienne des sciences du comportement*, Washington, DC, v. 23, n. 3, p. 300-317, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0079019>. Acesso em: 24 ago. 2026.

SHONKOFF, J. P.; GARNER, A. S. The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, Itasca, v. 129, n. 1, e232-e246, 2012.

SIQUEIRA, A. C. et al. Desafios da prática de estágio em psicologia no acolhimento institucional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 12, n. 1supl., p. 3-21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n1suplp03>. Acesso em: 24 ago. 2026.

TRUCCOLO, A. B.; ROSA, A. S. O brincar livre como recurso potencializador da interação e socialização infantil. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, Curitiba, v. 22, n. 7, p. 1-23, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5580/3565>. Acesso em: 24 ago. 2026.

VALIN, T. A. F.; ROCHA, G. V. M. da. Intervenções com crianças e adolescentes em acolhimento institucional: uma revisão sistemática. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 39, n. 103, p. 75-97, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO04>. Acesso em: 24 ago. 2026.

VAZZOLER, F. F. *Percepções e práticas de socialização emocional na perspectiva de cuidadores e psicólogos de instituições de acolhimento infantil*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/f6ae28d6-2495-492f-9fc7-b46f0259fa1c>. Acesso em: 24 ago. 2026.

♦ VOL. 14, 2026, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces – Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces

Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br

